

## RESENHA

# Um olhar sobre o neopentecostalismo

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

### **Jheniffer Vieira de Almeida**

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro  
jheniffer.vi@gmail.com

A obra *Neopentecostais* é produto da dissertação de mestrado de Ricardo Mariano apresentada, no ano de 1995, à Universidade de São Paulo (USP). O livro foi publicado pela primeira vez em 1999, sendo esta resenha da sua 5ª edição, em 2014, o que explica mudanças observadas nos dias atuais. O livro é uma enciclopédia imprescindível para aqueles que desejam entender como se constrói o pentecostalismo no Brasil e como surgiram seus maiores fenômenos religiosos. O autor conduz o texto de modo simples ao apresentar o pentecostalismo como ele observou em campo. O livro divide-se entre cinco partes compostas pela tipologia do pentecostalismo, histórico das principais religiões (?) neopentecostais e as três características do neopentecostalismo, a saber, a guerra contra o diabo, a teologia da prosperidade e

a liberalização dos usos e costumes pentecostais. Os dados coletados derivam de entrevistas (80 lideranças e 100 membros), observação de cultos (mais de 200), programas de TV e rádio, jornais como a *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo* e outros, livros e periódicos com a temática.

Na introdução do livro, Mariano demonstrou o aumento do número de Pentecostais no Brasil, onde, segundo folha Datafolha, em 1994, 76% dos evangélicos eram pentecostais numa amostra de 20.993 eleitores (p. 11). Um crescimento desigual nas camadas sociais, com concentração nos extratos mais pobres da população. A falta de interesse da igreja Católica e dos protestantes históricos levavam os pobres a buscar apoio terapêutico, espiritual e também material nos templos pentecostais.

Mariano optou por trabalhar com três gerações do Pentecostalismo por entender que existe uma grande diferença temporal e conceitual. A primeira geração fica isolada por 40 anos com apenas duas denominações, a Congregação Cristã no Brasil (1910) e Assembleia de Deus (1911), que traziam um comportamento radical, anticatólico, ascético, sectário e aversão ao mundo. Acreditavam no Espírito Santo como o que daria o dom das línguas como em pentecostes. A segunda geração, classificada como deuteropentecostalismo, inicia-se na década de 50, em São Paulo, com missionários de The Church of the foursquare gospel, ligada à Igreja do Evangelho Quadrangular aqui no Brasil. Ainda nessa geração, surgiram as igrejas O Brasil para Cristo, Casa da Bênção e Deus é Amor, que diferiam da primeira onda porque acreditavam que o Espírito Santo também curava. Expandiram-se com o uso do rádio num discurso sedutor que gerou a primeira fragmentação denominacional.

O neopentecostalismo surgiu, na década de 70, com a Igreja Nova

Vida, de onde saíram as lideranças da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), Internacional da Graça de Deus e Cristo Vive, tendo também as Comunidade Sara Nossa Terra, Comunidade da Graça e Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo. Essa geração é mais distante das duas anteriores por defender a prosperidade, estar em guerra constante contra o diabo e não fazer uso dos costumes tradicionais, além de uma grande expansão em sistemas de rádio e TV, o que ajuda a entender o crescimento dessas igrejas frente às anteriores. Cabe ressaltar que nem todas as igrejas surgidas pós 1970 podem ser classificadas como neopentecostais, para tal é necessário possuir as principais características.

No segundo capítulo, o autor traz o histórico das principais igrejas neopentecostais iniciando pela Nova Vida, depois a IURD, em análise mais detalhada, gastando mais páginas. A última, o autor chama de “fenômeno neopentecostal”. Famosa por aparições em noticiários tendenciosos, ataques a religiões de matriz africana e ao lado da Assembleia de Deus, possui a “maior visibilidade pública e sucesso na política partidária”. (MARIANO, 2004, p. 122). Machado (2006) observou esse dado ao analisar os pleitos de 2000 (município do Rio de Janeiro) e 2002 (estado do Rio de Janeiro). Em entrevista com vereadores e deputados eleitos, os mesmos afirmavam que a escolha dos candidatos e organização da campanha advinha da IURD, além do apoio financeiro e da captação de votos. A vitória, assim, era fruto dessa disciplinarização iurdiana. (MACHADO, 2006, p. 34-5).

O próprio Bispo Macedo lançou um livro, em conjunto com Carlos Oliveira, no ano de 2008, com o título de *Plano de poder: Deus, os cristãos e a política*, o qual, nas palavras dele, não é um livro acadêmico, mas desejou mostrar, por meio da Bíblia, que Deus sempre teve a política como projeto para seu povo. Macedo traz uma série

de exemplos para confirmar sua tese de que Deus vem, desde os primórdios, tentando colocar os seus escolhidos no controle da política. Assim, chama atenção dos cristãos como um todo num grupo que se organize, pois são numerosos o suficiente para eleger em qualquer instância e, se acaso se unissem como um movimento social, seria um grande movimento com mais de 40 milhões de adeptos. Ele aponta que o poder político é o mais importante dos poderes e que a Bíblia é o manual para posse desse poder. No entanto, chama atenção para que o Estado não seja teocrático, mas sim laico, com a política vivida continuamente e não só no ato de votar. (MACEDO; OLIVEIRA, 2008).

Essas duas falas se assemelham ao que se percebe na atuação e projeto de governo do PRB. Em seu estatuto, o PRB afirma que deve haver liberdade de culto sem qualquer dano aos religiosos. As ações do partido perpassam anos de eleição, sendo contínua a presença de cabos eleitorais em eventos do partido. (ALMEIDA, 2017). Características que aproximam o partido do conceito norte-americano de máquina política. (DINIZ, 1982; MOTTA, 2000).

Mariano também falou das demais igrejas, a Igreja Internacional da Graça de Deus possui semelhanças com a IURD, visto que o seu líder, RR Soares, cunhado de Macedo (líder da IURD), já esteve na construção da IURD. Difere em distribuição geográfica e foca seu trabalho nos programas de TV, pois, segundo RR Soares, é de onde vêm seus seguidores. A Renascer em Cristo, outra igreja neopentecostal, atrai jovens e empresários pela sua liberalização de costumes. Na política, apoiam evangélicos e são contra a esquerda. Por fim, a comunidade Sara Nossa Terra, até 1994, possuía uma rede de comunidades, porém promoveu uma reestruturação e centralizou o poder, com as igrejas fazendo uma espécie de partilha dos bens financeiros,

em que cada congregação fica com 86,5% e o restante é dividido entre programas de rádio, recursos da cúpula da igreja e para os bispos coordenadores regionais.

Nos três últimos capítulos, Mariano analisou separadamente cada uma das características do neopentecostalismo. A primeira delas, “a guerra contra o diabo”. O autor afirma que essa guerra incide diretamente nas religiões afro-brasileiras, encaradas como demoníacas com diversos episódios de agressão verbal e vias de fato. (p. 122-3). Para Mariano, Deus e o diabo são parceiros inseparáveis como se ambos estivessem ali disputando o controle do ser humano: ora o diabo com suas ações, ora Deus dando a vitória sobre o diabo. Para expulsão do mal, são feitos exorcismos, comuns nas neopentecostais, mas não sendo criação delas – a Igreja do Evangelho Quadrangular já apresentava cultos de libertação no ano de 1973.

A teologia da prosperidade é o carro chefe das igrejas neopentecostais. Milhares de pobres – classe dominante nas igrejas – são atraídos pela ideia de que irão enriquecer aqui na Terra, com frequência são estimulados a serem empresários. A teoria é originária dos Estados Unidos, surgiu, na década de 40, com os carismáticos, difundindo-se entre outros grupos. Aqui no Brasil, essa teologia chega nos anos 70, encontrada na IURD, Igreja da Graça de Deus, Nova Vida, Renascer em Cristo, Sara Nossa Terra, Bíblica da Paz, Cristo Salva, Cristo Vive, Verbo da Vida, Nacional do Senhor Jesus Cristo, dentre outras. A prosperidade em todas as áreas: família, saúde, financeira e outras, deve ser recíproca: é necessário “dar para receber” e que os cristãos cobrem, determinem as suas bênçãos, tudo com base em trechos e exemplos bíblicos. Segundo os dados da pesquisa Novo Nascimento do ISER, é na IURD que os membros doam as maiores quantias em dízimos e ofertas, mas os dízimos também não são exclusivos das

igrejas neopentecostais. As Pentecostais e deuteropentecostais pedem que seus membros deem dízimos à igreja. A Deus é Amor proíbe a participação de membros devedores nos cultos de Ceia. A diferença maior está no modo como são pedidas as ofertas, em muitos casos geram constrangimentos e afastamento de fieis. Mariano concorda que a teologia da prosperidade não pode ser colocada como difusora do capitalismo na América, como alguns autores destacam. Ela não é ascética, ao contrário, completamente mágica:

Para finalizar, gostaria de assinalar a ironia de que a Teologia da Prosperidade, ao se configurar como conjunto de crenças altamente mágicas e ao renegar o velho ascetismo protestante, possa estar jogando por terra justamente o elemento de natureza ética do protestantismo capaz de, ao menos potencialmente, promover a realização de sua principal promessa: a tão almejada prosperidade material. (MARIANO, 2014, p. 186).

O último capítulo aborda a liberalização dos costumes tradicionais; os neopentecostais são responsáveis por uma extrema radicalização, separando-os dos pentecostais clássicos e deuteropentecostais. Estes são mais resistentes aos estilos de roupa ritmos considerados mundanos. Já os neopentecostais, entretanto, são mais abertos possuindo inclusive bandas de rock. Ambos concordam que o sexo deve ser feito somente em matrimônio. A IURD novamente se destaca porque, mesmo possuindo uma população de baixa renda, tem os menores índices de natalidade devido ao incentivo aos métodos contraceptivos e campanha antinatalista. Para impedir o pecado no lazer, pentecostais criam espaços de sociabilidade para os seus seguidores e proibições; a Deus é Amor possui uma cartilha de proibições com regras até para o que é assistido na TV. Esses comportamentos contribuem para o afastamento do crente da vida social, conflitos entre pais e filhos, além de afastar a classe média dos templos. Mariano apresenta o cresci-

mento do movimento gospel nesse ambiente de liberalização acaba influenciando outras denominações como a Assembleia de Deus.

A leitura do livro de Mariano pode ser considerada um divisor de águas para a análise do pentecostalismo do Brasil, uma leitura obrigatória para entender o cenário religioso e se livrar de juízos de valor é pré-noções. Muito embora a pesquisa tenha sido realizada na primeira metade da década de 1990, as características ainda estão presentes. O que muda é a maior participação de clérigos em cargos políticos (MACHADO, 2006; MARIANO, 2015). A IURD – o fenômeno – continua expandindo-se tendo hoje, além de rádio, TV, diversos programas na sua plataforma online “IUIRD TV”, estando cada vez mais presente no cenário político brasileiro. (MARIANO, 2004).

## Referências

ALMEIDA, Jheniffer Vieira de. *Servir e obedecer: política e religião por meio de cabos eleitorais neopentecostais*. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política), Programa de Pós-graduação em Sociologia Política, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2017.

DINIZ, Eli. *Voto e máquina política: patronagem e clientelismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

MACEDO, Edir; OLIVEIRA, Carlos. *Plano de poder: Deus, os cristãos e a política*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2008.

MACHADO, Maria das Dores Campos. *Política e religião: a participação dos evangélicos nas eleições*. 1. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006.

MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 52, p. 121–138, 2004.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MARIANO, Ricardo. Religião e política no Brasil: ocupação evangélica da

esfera pública e laicidade. In: AVELAR, Lúcia; CINTRA, Antônio Octávio (Org.). *Sistema político brasileiro: uma introdução*. 3. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015. p. 342–355.

MOTTA, Marly Silva Da. *Mania de Estado: o chaguismo e a estadualização da Guanabara*. Cidade: Editora, 2000.

### **Sites consultados**

Estatuto. Disponível em: [www.prb10.org.br](http://www.prb10.org.br). Acesso em 08/04/18

Membros da Executiva Nacional. Disponível em: [www.prb10.org.br](http://www.prb10.org.br). Acesso em: 08 abr. 2018.

Recebido para publicação em 30/04/2018.

Aceito em 24/06/2018.